

DISCURSOS DE ÓDIO, FEMINICÍDIOS E INTERNET: UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA

Julia Martins Hernandez¹, Alvaro Marcel Palomo Alves²

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Maringá/PR, Universidade Estadual de Maringá - UEM. juliahernandes3@gmail.com

² Orientador, Doutor, Departamento de Psicologia, Maringá, Universidade Estadual de Maringá. ampalves@uem.br

RESUMO

Com as modificações das relações a partir da comunicação e informação, na contemporaneidade, a liberdade de expressão é um tema muito debatido em vários campos de estudo, como na Psicologia e no Direito. Os discursos de ódio proferidos nas redes sociais também são muito estudados e devem receber devida atenção. Esta pesquisa tem como foco os comentários feitos por internautas nos noticiários de casos de feminicídio no Brasil durante os meses de fevereiro a abril de 2020 e os sites utilizados foram: Globo de Rondônia (G1) e Paraná (RPC Maringá); Terra; Uol - TV Jornal e Gaúcha ZH. Com isso, essa pesquisa teve como objetivo entender a relação entre os casos de feminicídio com os comentários que abordam discursos odiosos, seja contra as mulheres violentadas ou contra os feminicidas. A análise se deu através da técnica sócio-histórica de construção da informação, que objetiva levantar pré-indicadores e indicadores que resultarão em núcleos de significação, que são "Alienação, política e justiça" e "Discursos de ódio". Eles possibilitam chegar à essência dos conteúdos expressos nos comentários analisados. A fundamentação teórica é a Psicologia Sócio-Histórica, além dos aportes do feminismo marxista e do materialismo histórico e dialético, buscando aproximações com os conceitos de gênero, violência de gênero, machismo, racismo e patriarcado, ao considerar que o feminicídio abarca diversas formas de violência, chegando em sua última instância: a morte.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Notícias; Violência.

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Sócio-Histórica tem como base os estudos de Vigotski, Leontiev e Luria, que se fundamentam no marxismo e tem como filosofia, método e teoria o materialismo histórico-dialético, visando os fenômenos de materialismo, dialética e historicidade. Considerando o desenvolvimento do ser humano, da cultura e da sociedade, a constituição da família patriarcal também começou a ser possível a partir da História. Após um longo período de três épocas, apontadas por Engels (1984), de estado selvagem, barbárie e civilização, as relações sociais se transformaram com a domesticação do gado, elaboração de metais e da agricultura, começando a se estabelecer a propriedade privada, em que o homem se via como detentor desses materiais, além de ser o "verdadeiro pai" que tudo fornece à sua prole. Além de limitar a mulher apenas como uma função de reprodução e com um parceiro, para a garantia da monogamia. Sendo este contexto o desmoronamento do direito das mulheres.

A partir do contexto histórico, a violência contra a mulher tem como base o patriarcado, que legitima a posição dos homens como dominantes. A violência de gênero é uma categoria mais geral que engloba as outras violências e abrange também crianças e adolescentes vítimas de violência. De acordo com Saffioti (2015), ela é derivada de uma organização social de gênero que privilegia o masculino, não ocorrendo aleatoriamente. E o feminicídio concerne na última instância desta violência, sendo entendido como o assassinato de uma mulher cometido por razões da condição do sexo feminino (AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO, 2020). No ano de 2015, foi promulgada a Lei nº 13.104, também chamada de Lei do Feminicídio, que alterou o artigo 121 do Código Penal brasileiro, incluindo a qualificadora para homicídios cometidos contra mulher, considerando o feminicídio como um crime hediondo.

De acordo com a Agência Patrícia Galvão (2018 apud ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2018), em relação aos dados de feminicídio de 2006 a 2016, a taxa de mortalidade das mulheres não negras era de 3,30 por 100 mil em 2006 e em 2016, foi caiu para 3,10. Já

das mulheres negras, a taxa era de 4, subindo para 5,3 em dez anos, sendo possível observar a interseccionalidade entre gênero e raça nessas estatísticas.

Sendo assim, os objetivos dessa pesquisa são de entender a relação entre feminicídio e discurso de ódio nos sites de noticiário, além de descrever as notícias de feminicídio no Brasil veiculadas nos meios de comunicação, investigar os discursos machistas presentes nas notícias e nos comentários, relacionar os discursos de ódio com a incidência de feminicídio no Brasil a partir da década de 2000 e analisar o feminicídio a partir dos fundamentos da Psicologia Sócio-histórica. Por isso, a principal justificativa do estudo é o considerável aumento de casos de feminicídio e a falta de estudos do tema. Além de compreender como os discursos de ódio são disseminados na internet.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Os materiais utilizados para a revisão de literatura a respeito de ódio e redes sociais foram 11 artigos pesquisados na área do Direito e da Psicologia, nos bancos de dados Pepsic e Scielo, no ano de 2020. Foram utilizadas as palavras-chave: “discursos de ódio”, “internet”, “feminicídio” e “violência contra a mulher”, foi feita uma seleção dos artigos que apresentassem o tema no resumo. Após isso, foi feita a revisão de literatura dos artigos. Além disso, foram analisadas seis notícias de feminicídio dos sites: Globo de Rondônia (G1) e Paraná (RPC Maringá); Terra; Uol - TV Jornal e Gaúcha ZH, no período de fevereiro a abril de 2020 e foram analisados todos os comentários feitos por internautas. Para a metodologia, foi utilizada a Teoria da construção da informação de Aguiar e Ozella (2019), na qual foram realizadas leituras flutuantes para a escolha das frases utilizadas nos comentários das notícias e a organização de pré-indicadores e indicadores, que formaram dois núcleos de significação:

Tabela 1: Núcleos de significação

1- Alienação, política e justiça	2- Discursos de ódio
a) Contra o presidente vigente;	a) “Masculinicídio”;
b) Contra os discursos dos partidos de esquerda;	b) Violência é violência;
c) Eleitores de determinado partido como mais ou menos culpados por seres feminicidas;	c) Mulheres com ensino superior;
d) Contra a imprensa;	d) Falta de amor próprio e carência das mulheres;
e) Justiça falha;	e) Contra o feminismo;
f) Justiça dependente de ações individuais.	f) Contra o feminicida;
	g) Racismo;
	h) Atribuição de doença psíquica ao feminicida;
	i) Misoginia.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os núcleos de significação, divididos em “alienação, política e justiça” e “discursos de ódio” ilustram de forma sintetizada os discursos de ódio nas redes sociais voltados a

todos os envolvidos direta ou indiretamente nas notícias de feminicídio. Os mais diretos se referem aos feminicidas, proferindo frases racistas e psicopatologizantes e também contra as vítimas, culpabilizando-as e diminuindo a gravidade e a importância da violência que sofreram, por considerarem que “violência é violência”.

A violência de gênero, enraizada no patriarcado, se mostra presente em todos os casos de violência sexual, LGBTfobia, violência doméstica e familiar, chegando em sua última instância, o feminicídio. Esses preconceitos, por mais sutis que sejam expressos, estão sempre presentes no cotidiano da sociedade brasileira e, como os dados obtidos e analisados da pesquisa mostraram, estão escancarados nas redes sociais. A influência do presidente Jair Messias Bolsonaro (sem partido) é muito presente, permitindo que seus eleitores, sejam homens ou mulheres, reproduzam seus preconceitos ao constatar que não serão punidos por suas opiniões/ódio nas redes sociais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência de gênero, enraizada no patriarcado se mostra presente em todos os casos de violência sexual, LGBTfobia, violência doméstica e familiar, chegando ao feminicídio. Esses preconceitos, por mais sutis que pareçam, estão presentes no cotidiano da sociedade brasileira e escancarados nas redes sociais. A influência do presidente Jair Messias Bolsonaro (sem partido) é muito presente, permitindo que seus eleitores, homens e mulheres, reproduzam seus preconceitos ao constatar que não serão punidos pelos comentários na internet.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Casos de feminicídio crescem 22% em 12 estados durante pandemia.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-feminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia>. Acesso em: 26 ago. 2020.

AGUIAR, W.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, n. 236, p. 299–322, 2019.

BERNARDES, M. E. M. O Método de Investigação na Psicologia Histórico-Cultural e a Pesquisa sobre o Psiquismo Humano. **Psicologia política**, v. 10; n. 20; p. 97-313, jul./set 2010.

BOCK, A. M. B. A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. In: BOCK, A. M. B., GONÇALVES, M. G. M, FURTADO, O. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 15-37.

DIAS, C. G. C. **O discurso de ódio face à liberdade de expressão e à imunidade parlamentar.** Disponível em: https://monografias.brasilecola.uol.com.br/direito/o-discurso-odio-face-liberdade-expressao-imunidade-parlamentar.htm#indice_15. Acesso em 16 mar 2021.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 9. ed. Rio de Janeiro- RJ: Civilização Brasileira, 1984. p. 28-91.

LESSA, S. Abaixo a família monogâmica! 2012. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2004.

VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES EM DADOS. **Mapa da Violência 2015:** taxa de morte de mulheres negras cresce 54%, de brancas cai 9,8%. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/mulheres-negras-morrem-mais-de-forma-violenta-que-as-brancas/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES EM DADOS. **Racismo e morte de mulheres no Brasil:** dados do Atlas da Violência 2018. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/racismo-e-violencia-de-genero-dados-do-atlas-da-violencia-2018/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM DADOS. **Sobre os dados da violência contra as mulheres no Brasil.** Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/sobre-os-dados-da-violencia-contras-as-mulheres-no-brasil/>. Acesso em: 20 jul. 2020.